

TRADUÇÃO

ELOGIO A NICOLAU MAQUIAVEL ESCRITO PELO CAVALIERE GIOVANI BATTISTA BALDELLI¹

Patrícia Fontoura Aranovich²

Isadora Prévilde Bernardo³

Tenho consciência do caminho perigoso que sigo.
Val. Max. Lib. III. Cap. VI.

Florença, não menos que tantas outras Repúblicas, nas suas discórdias intestinas, vê-se manchada pelo vício da ingratidão para com aqueles sublimes engenhos que, com as ações ou com os escritos, sacrificaram para ela, em dada ocasião, a paz, a liberdade e a vida; entretanto, convencida pelos resultados felizes de suas empresas, ou de seus conselhos, ela rende eternos tributos à memória de muitos de seus concidadãos ou com a eloquência, ou com o cinzel. Mas Maquiavel não viu, até os nossos dias, sinal algum de honrado reconhecimento.

Renascera desde o século XIV a bela literatura, Alighieri já havia criado a poesia italiana, depois, refinada por Petrarca e por Boccaccio, a prosa foi conduzida àquele grau de elegância, harmonia e de ritmo, ao qual nossa dulcíssima língua pareceu capaz. Muitos engenhos, animados por soberanos emuladores de Augusto, haviam aplainado o caminho do saber humano para aqueles homens do século de Maquiavel; e Poggio, Iacopo d'Angelo da Scarperia, Cristóforo, Buondelmonti, Ciriaco Anconitano e Giovanni Torelli, de suas penosas e longas viagens, de códigos preciosos voltaram ricos para a Itália. Assim, gloriosas expedições e conquistas, mais caras aos soberanos de então que as conquistas dos reinos, faziam honras às

1 Opere di Niccolò Machiavelli, cittadino e segretario fiorentino, vol. primo. Milano dalla Società Tipografica de' Classici Italiani, contrada di S. Margherita, N.º 1118. anno 1804.

http://www.classicitaliani.it/machiav/critica/baldelli_machiavelli.htm

2 Professora adjunta do Departamento de Filosofia da EFLCH – UNIFESP;
e-mail: patricia.aranovich@unifesp.br

3 Doutoranda do Departamento de Filosofia da FFLCH –USP. Orientanda da Profa. Dra. Maria das Graças de Souza. E-mail: isaprevilde@gmail.com

letras; quando se tornou escrava a Grécia novamente estimulou o saber no seio de sua doce e engenhosa rival e, no dizer de Horácio:

A Grécia, capturada, capturou o feroz vencedor e as artes
Introduziu no agreste Lácio...

e assim preparou o século áureo de Augusto; Constantinopla, subjugada pelos otomanos, tornou imortal o século de Leone; e os Argiropoli, os Gemisti, os Giorgi de Trebisonda foram os nossos Tiranniones, os Filos e os Carnéades.

Trazendo a nós o conhecimento da língua grega, a tradução, a interpretação e a correção dos escritores gregos, eles abriram para a Itália as fecundas fontes da ciência ática, que foram propagadas com largueza pelos Poggios, pelos Grisolori, por Enea Silvio, por Platina, por Biondo, por Filelfo, por Poliziano e por tantos outros. E para excitar sempre mais a emulação nos engenhos italianos, comparece a arte pouco menos que divina da impressão, que assegura e torna eternos os esforços dos doutos.

Menos rústica era a história, a mestra da vida, até o final do século anterior, como se lê em Paolino di Piero, em Dino Compagni e em Giovanni Villani, que podem ser chamados de restauradores daquele gênero de pintura política da sociedade, que nos transmite os princípios, o engrandecimento e a decadência das nações e que, pintando para nós o bem e o mal, também nos instrui. Também o Dandolo, em Veneza, emulador de Villani, e outros historiadores espalhados pelo resto da Itália, pareciam preparar, no século XV, uma maneira plausível de escrever os feitos dos homens e dos governos; mas os Ranzani, os Palmieri, os Patrizi, os Cori, os Beccadelli são conhecidos apenas pelas bibliotecas suntuosas e pelos eruditos exatos. Excetua-se desses Enea Silvio, elevado apenas seu engenho à Tiara, pela elegante *História* dos seus tempos, e Bernardo Giustiniani, denominado pai da história veneziana. Também Poggio e Leonardo de Arezzo escreveram a *História da República Florentina*, da qual eram secretários; mas, ainda que muito acurados e elegantes, foram privados daquela energia filosófica e daquela agudeza que investiga e distingue os motivos, que remonta à fonte dos fatos para escolher os mais instrutivos e a partir deles criar substanciosas e profundas lições. Cegos, além disso, por uma vã e pueril ambição, pareciam querer emular Lívio, Tácito e Salústio, escrevendo em língua latina. Esses foram imitados por todos os literatos de então com pernicioso ambição; porque atrasou, em parte, os felizes progressos que se poderiam fazer naquele século de belos engenhos, fecundos na prosa e na poesia italianas. Em tão feliz renovação dos conhecimentos humanos, além da perfeição da História, parecia faltar à Itália a glória de ser a criadora da Política, que, nos dizeres de Plutarco, é a arte de reger e governar uma extensa reunião de homens: arte que constitui força dos estados, que os dirige na sua conduta e nos seus princípios, que os conduz às

guerras ou à paz, que os alivia nas discórdias internas e nas desventuras públicas: arte conservadora e perspicaz, que lê no futuro e que, animada pela virtude, pode resgatar os estados do precipício no qual buscam submergi-los a ignorância, a ambição e, mais ainda, as paixões viciosas dos membros dissolutos que os compõem.

Eis, pois, na Itália, o criador da Política, o escritor filósofo da História, o grande homem que fez renascer o gênio de cultivar a própria língua, que propôs modelos de um estilo robusto, preciso e muito ameno, emulador de Tácito, mimetizador de Terêncio e comentador de Tito Lívio; e Florença teve a glória de dá-lo à Itália na figura de Nicolau Maquiavel.

Nasce de ilustre estirpe em 3 de maio de 1469. Procuram-se, em vão, notícias de sua infância, e apenas sabemos que Marcelo Virgílio o conduziu nos estudos; pois se os seus primeiros progressos na carreira literária fossem conhecidos, talvez pudéssemos admirá-lo e propô-lo como modelo de ensino dos jovens; isso se, entretanto, o nutritivo e abundante alimento que sustenta e revigora o homem forte não se tornasse, por vezes, ao homem de constituição fraca, pernicioso e contrário.

Nascido em uma cidade livre, ele mesmo se educou por aqueles estudos que depois o tornaram útil para a sua pátria. Os italianos da época ocupavam-se em pesquisar os preciosos códigos que continham o saber da antiguidade augusta, conservados da ignorância, como a faísca escondida na pederneira, até que a mão industriosa a extraia para aplicá-la à vantagem comum; mas Maquiavel foi o primeiro a aplicar para a utilidade dos homens os sólidos e profundos preceitos que os antigos abundantemente tinham espalhado em seus escritos.

Foi a República a qual ele pertencia o primeiro objeto de seus cuidados. Deplorando vê-la aviltada por leis fracas e ineficazes, perturbada por discórdias sanguinárias, inteiramente privada daqueles heróis que a sustentam e a aliviam, despojada daquelas paixões que formam os grandes ânimos e daquelas virtudes que Atenas e Roma mostraram e tornaram gloriosas; e não acreditava satisfazer a obrigação de bom cidadão, apenas estudando os vícios de seus tempos e oferecendo-lhe um estéril sentimento de dor e de compaixão; mas, inflamado pelo entusiasmo do amor à pátria, esforçou-se para extirpar dela os vícios, até a raiz, com as obras, com os escritos, com os conselhos e com os exemplos. Ter imaginado um tão sublime desígnio, o iguala aos Sólon e aos Licurgos; pois tais empresas não devem ser julgadas pelos resultados, mas, para tornar imortal o grande homem, basta ele ter imaginado a grandiosa concepção e indicado, facilitado e construído o caminho para alcançar aquele sublime propósito.

Sabendo Maquiavel que a mais sólida base de uma república é a virtude, o bom exemplo e a instrução de quem deve governá-la, depois, quando Florença recuperou a liberdade, compôs os *Discursos* para a instrução dos florentinos com mais qualidades, sobre os quais brilhava um raio de esperança que os anunciava como cidadãos úteis e sustentáculos da pátria. Nesses discursos, com uma ordem muito clara e com precisão filosófica, expressa o

quanto aprendeu com uma longa prática e contínuas leituras das coisas do mundo e dos homens, e em especial das reviravoltas políticas dos governos antigos e dos reinos; e se conheceu o perigo de percorrer um novo caminho, o amor ao bem público o fez desprezar com peito forte as preocupações privadas e a invejosa calúnia. Quis estimular à glória os comandantes e os cidadãos legisladores, mostrando o glorioso destino das antigas nações, dos reinos e das Repúblicas, comparando-as com aquelas de seus tempos e pintando os feitos dos heróis. Fez na política o mesmo que nas ciências físicas e naturais dos filósofos costuma-se fazer em nossos dias, isto é, consultando a natureza sobre os fatos; apoiou as explicações no exame desses fatos, de cujo resultado nascem os sistemas.

Entre todos os impérios dos quais a história nos transmitiu a memória, pareceu a Maquiavel que o exame do engrandecimento de Roma fosse a mais copiosa fonte de onde retirar os seus exemplos luminosos e magnânimos; porque Roma, de um princípio fraco e formada desde o berço por uma multidão mal composta, pouco a pouco surgiu, depois se engrandeceu e submeteu todo o mundo às suas leis. Sabia que os corpos morais, assim como os físicos, devem seu vigor ao complexo harmonioso das partes que os compõem e à robusta e sólida têmpera nos membros. Por isso não podia convir nem com Lívio, nem com Plutarco, que o engrandecimento de Roma era devido à fortuna inconstante; mas, com agudo olhar filosófico, considerou que o engrandecimento de Roma devia-se a ela ser regulada pelas melhores leis, porque tinha mais disciplina militar e mais religião que os outros povos; e nas histórias de Tito Lívio, que nos transmitiram os belos tempos da República, uma por uma procurou as razões de seu rápido e portentoso progresso; daquelas histórias retira o assunto de seus *Discursos*, onde começou a examinar os princípios de cada governo. “Viu os estados regidos ou pelo príncipe, ou pelos optimates ou pela multidão”, observou como tais governos, bons em si mesmos, facilmente podem corromper-se, “porque o principado facilmente se torna tirânico; os optimates com facilidade se tornam governo de poucos; o popular sem dificuldade se torna licencioso”; e retornando à origem do estado social, mostra como esses governos se estabeleceram, degeneraram-se, tornaram-se viciosos e, por fim, extinguíram-se e como as sociedades longamente oscilariam em tais revoluções, se, muitas vezes, em razão destes convulsivos esforços, enfraquecidos, não fossem submetidos ao ferro de um feroz vizinho. Rejeita os governos simples por ser fácil sua mudança das formas simples, acrescentando que um ordenador da República deve ali estabelecer um governo misto em que participam as três [formas], como Licurgo fez em Esparta, Rômulo em Roma, e não ordená-lo como um [governo] popular, como fez Sólon, em Atenas, que viu estabelecida em seus dias a tirania de Pisítrato.

Graças a tais exames e a tais princípios, Maquiavel, se bem que não houvesse na Europa de seu tempo nenhum modelo como esse, foi o primeiro entre os políticos modernos a considerar um governo misto como o único conveniente a um povo corrupto, como o único

capaz de proporcionar aquela dose de liberdade compatível com as paixões humanas; governo que estabeleceu a felicidade a uma culta nação da Europa, elogiado por todos os sábios e não pelos entusiastas políticos, que a alçou já há muito tempo àquela opulência e cultura, que a tornou objeto de admiração e inveja. Tais vantagens poderiam, porém, tornar-se fonte da sua decadência, se não fosse conservado aquele santo e profundo respeito às suas leis, respeito que Maquiavel, segundo a norma de Tácito, indica para qualquer governo. Desses princípios gerais encaminha-se ao exame daquelas instituições que tornaram a República Romana grande e admirável. Mostra como o corajoso Rômulo contribuiu com o valor guerreiro para preparar a paz necessária a Numa para ordenar e civilizar o estado; como o belicoso Tulo e Anco, ainda que apreciador da paz, sustentaram as virtudes militares de um e conservaram as virtudes civis e religiosas do outro; como essas aumentaram com a benéfica influência de dois ótimos príncipes; como o orgulho e a tirania de Tarquínio estabeleceram aquela liberdade depois consolidada pela heroica virtude de Bruto; como o Senado, de amigo e sustentáculo do povo, tornou-se quase o tirano; disto nasceram aqueles tumultos que foram a causa do tribunato da plebe, que no seu início era a égide de sua liberdade. Passa também a mostrar como o sacrossanto respeito pela religião e pelo juramento impediu os funestos efeitos das discórdias populares e como longamente manteve-se aquele equilíbrio entre as ordens do estado que os tornou perspicazes em julgar e acérrimos defensores de seus direitos, sem que excluísse a obediência às leis e o respeito pelos magistrados.

Úteis e sábias são as observações que ele faz sobre os dias felizes de Roma, mas mais profunda instrução retira da história daquela triunfante República quando observa que os vícios que a corromperam vingaram as nações conquistadas:

*Gula, et luxuria incubuit, victumque
ulciscitur orbem⁴*

Maquiavel mostra como, gradativamente, se perderam aqueles áureos, simples, vigorosos costumes, e como da moleza nasce o luxo, do luxo a cupidez por possuir e por usurpar; paixões de onde surgiram os ódios e as divisões; depois as guerras intestinas, as injustiças, as fraudes, as ambições dos grandes, a vantagem privada substituiu o bem público, o amor à pátria, o medo das leis e o respeito pelas coisas divinas. Todos os efeitos que extinguíram completamente cada primeva virtude e reduziram o Império à lastimosa servidão. “Servidão necessária onde a matéria está tão corrompida, não bastam leis para contê-la, e é preciso ordenar junto com elas maior força, que é a mão régia, que, com poder absoluto e excessivo, ponha cobro à excessiva ambição e corrupção dos poderosos”.

⁴ A gula e a luxúria impuseram-se e vingaram o mundo vencido.

Do estado interno da República, ele passa ao exame de suas instituições guerreiras. Vê como os romanos, com incansável e severa disciplina, subjugarão os outros povos; como as conquistas foram úteis aos romanos, encontrando sempre na guerra do que nutrir a guerra; como com a tolerância, com a magnanimidade e com a justiça obtiveram para si, nas conquistas, amigos e aliados, e não inimigos ocultos ou vis escravos; examina depois como o luxo de Roma e os triunfos levaram os generais e os exércitos à corrupção; exércitos que, esquecida sua pátria, a imolaram à audácia e à cupidez dos capitães. Desse exame se deduz aqueles preceitos úteis a quem governa, opondo as antigas virtudes de Roma aos vícios da Itália, e sobre os abalos e sobre as desventuras do mais vasto império fundam-se as regras para guiar os homens.

Não seguirei Maquiavel nesse vasto código da arte de governar; observarei apenas que ele inflama o leitor com os exemplos da suma virtude, que apenas ele, entre os modernos, se iguala a C. Tácito para penetrar no tortuoso labirinto do coração humano, em que busca os fios e todas as molas das paixões, e ensina como contê-las, dirigi-las e sufocá-las. Não é fácil julgar, portanto, se a posteridade deve mais a Tito Lívio pela história que nos transmite, ou pelos sábios discursos que essa história fez nascer. Maquiavel não cai nos erros da maioria dos filósofos que depois dele seguiram a carreira política, fabricantes de sistemas fantásticos que querem submeter o gênero humano às suas vãs expedições; contentando-se em retratar os homens tais como os queriam, não como são: mas Maquiavel, conhecendo a nossa natureza e as paixões humanas, contemplou o homem tal como é e a ele propôs as leis e as instituições que tornaram grande e feliz um vasto império.

Porém, querendo prosseguir a inteira reforma do sistema político da sua República, verificou o quanto as boas leis são inúteis se não são defendidas das agressões externas e internas. Sabia, além disso, o quanto contribuía para a tranquilidade e a prosperidade pública uma bem ordenada milícia, e a virtude civil necessária a quem jura morrer para defender a pátria, “já que via que as boas milícias apenas mantêm os estados bem ordenados e que, por vezes, os não bem ordenados são sustentados por sua virtude”.

Assim, não podia contemplar com olhar tranquilo o quanto na Itália e na pátria estavam corrompidas as disciplinas militares. Os príncipes italianos estavam inflamados por uma raiva desmesurada a invadir, usurpar e vingar-se, não com desígnios vastos e heroicos, mas com o engano, com a simulação e com a insídia; e, passando seus dias na lascívia e no ócio, desdenhavam inteiramente o ofício das armas e o confiavam aos soldados e comandantes mercenários. Estes comandantes eram, comumente, pessoas de origem desconhecida, que haviam seguido a carreira militar, que assolda a gente mais licenciada e dissoluta da Itália, e vendiam essas mal formadas e inexperientes milícias a quem empreendia a guerra. Combatiam sem amor pela glória, sem interesse ou afeição por quem as assoldava; de tal modo que se via mais de uma vez decidido o destino dos estados e das províncias apenas

pela malícia ou pelo engano, sem que o valor militar vertesse sequer uma gota de sangue entre os combatentes. Quando os comandantes mercenários foram reduzidos pela paz à indigência, recorreram, para sobreviver, aos saques, às rapinas, traíram as cidades e os reinos, e muitos dentre eles, por essa vergonhosa via, conquistavam potência e estado às expensas de quem lhes tinha nutrido e com seu dano exercitado nas armas. Por volta do fim do século XV, a Itália era mais gravemente afligida por tais flagelos e, além das pragas internas, sofria os danos causados pelas armas estrangeiras.

Maquiavel escreveu, portanto, os sete livros da Guerra para trazer à Itália o antigo esplendor guerreiro, para reascender a honra militar e para fazer proscrever aquelas milícias mercenárias, razão da fraqueza e da aflição. Admirador, como sempre, dos conquistadores do mundo, trouxe desses os verdadeiros preceitos dessa disciplina útil. Xenofonte, Políbio, Tito Lívio e Vegezio foram os seus mestres, e foi o primeiro entre os modernos a determinar como se poderia ter um exército que não fosse danoso para a liberdade de um estado. Sobre tal assunto propõe que a defesa da pátria esteja apoiada nos cidadãos, aconselhando que não se faça do exército um corpo separado da sociedade que defende; caso contrário, os defensores dos cidadãos se tornam odiosos aos próprios cidadãos e assim, estimulados por outros interesses, se vendem ao chefe ambicioso que soube corrompê-los ou comprá-los. Os pretorianos instituídos para subjugar a tumultuosa plebe romana, e que de apoiadores do trono se tornaram os destruidores, quando descobriram o *arcano do império*, reforçaram tal opinião; e, por isso, propôs milícias civis, cidadãos voluntários, os quais, disse ele, terão o sentimento de honra e amarão a pátria sem prejudicá-la porque, ofendendo a pátria, ofenderiam a si mesmos; e de tal modo Roma viveu livre quatrocentos anos, Esparta oitocentos. Vê-se, além disso, que os exércitos permanentes são perniciosos aos estados, porque não se pode fazer guerra sempre, nem se pode pagá-los sem ruinosas imposições que alienam os súditos, nem a licenciá-los sem arriscar, o mais das vezes, a tranquilidade pública.

A invenção da pólvora e da artilharia, nos tempos de Maquiavel, parecia ter mudado inteiramente as ordenações militares e ter tornado igual em fraqueza e foça o combate. Logo, o herói estava condenado a ser extinto pelo homem vil; e a força física do impulso na batalha substituiu o impávido valor moral, que espera em seu posto as feridas e a morte. Mas se tal invenção mudou, em parte, os exercícios, as defesas, a evolução, os ataques e as fortificações das praças, Maquiavel mostrou à Itália, desconcertada por tais armas levadas a seu seio por Carlos, um modo de resistir-lhes com a antiga virtù guerreira e de adaptar a tática romana aos tempos modernos. Ele ensinou também à sua nação como defender-se daqueles novos raios artificiais, como vencer com eles e como empregar tais aterrorizantes instrumentos de destruição. Quis corrigir de um outro erro a inexperiente Itália, que colocava a sua salvação contra os agressores inimigos na cavalaria, demonstrando que o nervo dos exércitos são as infantarias, cuja qualidade depende dos exercícios militares que as tornam aptas às provações,

do exercício no manejo das armas para fazer recuar e destruir o inimigo e do costume de manter a ordem e a norma na marcha, no combate e no acampamento. Ele não negligencia nenhuma parte das instruções militares e os capitães e soldados podem extrair as mais importantes lições, mostrando aos primeiros o quão útil são as arengas para os exercícios, porque disse: “o falar afasta o temor, acende os ânimos, aumenta a obstinação, descobre os enganos, promete prêmios, mostra os perigos e o caminho para deles fugir; recupera, roga, ameaça e enche de esperança, louva, vitupera e faz todas essas coisas pelas quais as paixões humanas se extinguem ou se ascendem”.

Tais foram os preceitos que escreveu em proveito da mísera Itália, vergonha do mundo na disciplina militar, como ele disse; nem sua culpa poderá jamais atribuir-se, se ela não reencontrar os seus Cipiões, os seus Camilos e os seus Metelos, já que, em todos os tempos, quem quiser aspirar a imitá-los e segui-los no caminho da glória encontrará nos preceitos militares de Maquiavel o verdadeiro guia, que pode conduzir os heróis.

E para mostrar aos príncipes pusilânimes e moles de seu tempo que a disciplina militar, da qual ele expõe os cânones e a norma, era praticável, propôs com o estilo áureo de Júlio César o modelo de um grande capitão. E eis as ações e os feitos de Castruccio. Mostra como ele, de obscura origem, ascende ao heroísmo, como se desenvolveram nele os germes da virtù com a leitura dos antigos exemplos; como adquiriu vigor nos exercícios viris e fama com o seu valor; como superou os obstáculos com a constância; como se fez adorado pelos exércitos, guiando-os para a batalha, dividindo com eles as dificuldades, os perigos, a fortuna próspera e a adversa; e tantas virtudes o teriam levado a ser senhor de toda a Toscana se a invejosa sorte não tivesse extinguido o herói no ato de recolher a palma de seus triunfos militares; “herói, como ele disse, que se tivesse como pátria a Macedônia ou Roma, os Cipiões e os Felipes, teria sem dúvida superado”.

A fraqueza humana, estreitamente ligada com a desmedida e favorável ideia de nós mesmos, nos faz crer distantes dos males que afligiram os outros; é por isso que não nos preocupamos com a experiência e as desgraças dos outros povos, precipitando-nos cegamente nos mesmos abismos que engoliram nossos antecessores inexperientes e incautos.

Maquiavel, conhecedor dos homens, penetrado por tal verdade, via que se cansaria inutilmente para tornar melhores os seus concidadãos se não mostrasse a eles como tais mudanças eram necessárias. Fruto de tais benéficos cuidados foram suas Histórias Florentinas, nas quais, com traços enérgicos, expressou as desventuras dos avós para utilidade dos netos. Filho de uma cidade livre, a havia observado aflita por contínuas mudanças no passado, e ainda em seus tempos a via ora escrava, ora livre; e sempre cansada da servidão, incapaz de liberdade, ora oferecia o pescoço aos grilhões, ora os rompia com convulsivo e prolongado esforço e, por fim, retornava àqueles que a condenavam, novamente, a um letárgico estupor.

Segue, nas suas *Histórias Florentinas*, o governo no qual há volúveis mudanças e mostra como o orgulho e a cupidez dos grandes lhes tolheram o governo, que caiu nas mãos do povo; como o povo, corrompido por sua ascensão, acresceu aos vícios próprios aqueles mesmos vícios que reprovava nos grandes, pouco antes, pelo que a plebe, sumamente irritada, tolheu o governo. Sob o império da plebe se veem multiplicar as tiranias e os tiranos, ascenderem-se as paixões, incitarem-se as vinganças, surgir a gana do furto justificado pela calúnia, sustentada com o ferro, e a justiça, desconcertada, cobrir-se com um véu escuro ao se ver sempre invocada pela traição. Descreve depois como a desordem reanimou as facções e os tumultos, poderosos inimigos da liberdade, e como Florença, por três séculos inteiros, agitada em tumultuosas revoluções, tendo aumentado os seus vícios e as riquezas dos cidadãos, vendeu-se a uma potente família que a subjugou.

Causa estupor e espanto ver a quantas desventuras subjaz Florença pelo seu desenfreado e equivocado desejo de liberdade, antes de se reduzir à ditadura dos Medici: quão atroz foi aquele tempo por causa das guerras, tumultuoso pelas edições, e quanto foi cruel na paz; quantos optimates foram sacrificados com o ferro; como o estado aflito foi saqueado pelos estrangeiros; como a cidade foi incendiada e destruída pelos cidadãos; como os templos foram abandonados, as cerimônias eclesiásticas e os costumes corrompidos; como no solo da pátria foi derramado o sangue de seus filhos; uma Itália cheia de exílios; como as riquezas, a nobreza, os nomes e sobretudo as próprias virtudes tomavam o aspecto de delitos capitais; como foram premiados os acusadores, corrompidos os servos contra os senhores, os parentes contra os parentes; e como, enfim, aqueles que não tinham inimigos foram oprimidos pelos amigos.

Além do mérito de instruir a sua pátria com a exposição de suas próprias desventuras, Maquiavel tem ainda aquele de ser o verdadeiro pai da história moderna italiana; visto que não se deve considerar história as crônicas inaptas, supersticiosas e apaixonadas, ou as histórias inexatas, sem crítica e espírito filosófico, que foram escritas até o tempo de Maquiavel. Ele, ao contrário, sabe, antes de tudo, que tanto na política quanto na medicina as doenças que atacam um corpo moral não podem ser curadas sem anatomizar as partes internas que o compõem.

Escritor sóbrio e elegante, profundo pensador, observador agudo, prepara para a compreensão de suas histórias pintando com rápido e filosófico pincel o espaço de nove séculos, e mostra como se realizaram aquelas subversões que nos tornaram tão diferentes daqueles romanos que nós admiramos e jamais imitamos. Escreveu com método dos antigos os feitos dos reinos e dos homens e deu nova vida e robusta eloquência aos legisladores e aos comandantes dos exércitos com aqueles discursos que colocam em ação os ilustres personagens, sobre os quais discorre, fontes inexauríveis de ensinamentos aos leitores. Mesmo descrevendo um tempo estéril de virtude, faz sobressair os nossos poucos ancestrais dignos de

fama para assim mostrar que a virtù ainda germina nos nossos peitos e que de nós depende o emulá-los no caminho da glória.

Dedicou as *Histórias Florentinas* a Clemente VII, de quem obteve tênue recompensa, ainda que o Pontífice o aconselhasse a se ocupar de tal trabalho. Não oculta, entretanto, nem a extensão do poder, que adquiriu a tiara sobre o poder temporal nos séculos de ignorância, nem quando fosse nociva à tranquilidade da Europa a desmesurada ambição dos Pontífices; e se perdoa em parte os males que Clemente acarretou à Itália quando se o viu capaz de escutar tal verdade e quando permitiu publicá-la. Não se pode, enfim, reprovar a Maquiavel aquela estéril loquacidade atribuída aos escritores italianos, dignos, por outro lado, de escusa, quando se reflete sobre os tempos difíceis em que escreveram; tempos que oprimiam o engenho e restringiam as contemplações humanas; pelo que não é de se maravilhar se quase se via extinta a energia e a faculdade de pensar.

As desventuras da sua pátria proporcionaram para a posteridade uma outra obra deste sumo filósofo. Tendo os Medici voltado à Florença, os inquietos florentinos de má vontade suportaram aquelas mudanças operadas pela ambição dos Médici para tornar a pátria serva; mas os descontentes refreados com a dureza dos tempos, nutriam ódios ocultos contra aquela potente família. Maquiavel, para conservar aquela centelha republicana, ilustrando para a pátria o jugo que a ameaçava, sob pretexto de favorecer com conselhos o engrandecimento dos Medici, escreveu o livro *O Príncipe*, no qual demonstra o que um príncipe novo precisa fazer para sustentar-se, como deve aprisionar o ódio que acende nos que estão submetidos ele; e protestando que ele não fala nem dos príncipes livremente eleitos, nem das monarquias estabelecidas, prossegue dizendo que quem a tal perigoso lugar se alçar não se deve esperar nem o amor, que forma o mais doce elo entre os súditos e o trono estabelecido pela monarquia, nem aquela harmonia entre autoridade e obediência constitui a força do estado. Assim, ele diz que o usurpador é obrigado, para se sustentar, a percorrer a estrada da crueldade, da simulação e do rigor. Maquiavel corrobora essas duras necessidades com os exemplos dos mais cruéis usurpadores e dos mais ímpios tiranos dos tempos antigos e modernos. Protesta, “sendo seu intento escrever uma coisa útil para quem a escuta, parece-lhe mais conveniente seguir a verdade efetiva da coisa do que a imaginação sobre ela. Muitos imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem se soube se existiram na verdade, porque há tamanha distância entre como se vive e como se deveria viver que aquele que abandona o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a preservar-se”. Mostrava, assim, aos seus concidadãos que não se iludissem vendo os Medici como deveriam ser, e que não narrava o que um príncipe novo devia fazer, mas o que ele realmente fazia.

O que evidentemente demonstra que ele preparava uma armadilha para a ascensão dos Medici é o fato de ter aconselhado aos príncipes novos a servirem das armas dos cidadãos,

quase como se eles de tal maneira armassem para a vingança o braço dos numerosos inimigos de um novo jugo. Mas quando fala de todos os gêneros de principados não deixa de dar a quem os governa louváveis e salutareos conselhos e, assim, melhor esconde a sua dúbia seta.

Aqui, no entanto, percebe-se o quanto amava sua terra: aconselha como único meio para um príncipe novo adquirir suma glória a expulsão dos bárbaros da Itália. Via esta fecunda antiga mãe de heróis inteiramente mudada; recordava-se que as nações que do Tibre ao Tâmis se estendem haviam se inclinado sob o valoroso braço de seus guerreiros. Causava-lhe amarga dor vê-la sem chefe, sem ordem, dividida, desarmada, trêmula; e assim batida, espoliada, dilacerada, saqueada e vilipendiada por aqueles bárbaros que, vindo como exames das montanhas, ali procuravam aquela suavidade que a aspereza dos climas e dos costumes haviam-lhe recusado. Tendo convivido longamente com os estrangeiros, não os via como superiores aos italianos nem pela virtude, nem pela força, nem pelo engenho; por isso queria persuadir de que onde existiam gentis engenhos, corações magnânimos e gente robusta podiam existir guerreiros valorosos e prudentes, capazes de vencer e superar os bárbaros que inundavam a Itália; porque sabia o quão animosos à defesa nos torna combater pela pátria, pelos lares, pelas mulheres, pelos filhos e quão invencível seja quem defende as propriedades, as leis e os templos. Sabia bem que a Itália era forte por causa do mar e dos Alpes, favorecida pelo céu, porque a fizera populosa, rica e engenhosa; por isso desgostava-lhe que de tais vantagens precariamente usufruísse e que por mole negligência se expusesse à cupidez de quem queria invadi-la. Acrescenta, pois, haver grande virtude em seus membros, quando não lhe faltasse chefes, e a imagina rogando ao céu que envie um campeão que a redima da crueldade e da insolência dos bárbaros e pronta a seguir seu estandarte.

Grande, valoroso, magnânimo cidadão, eis os conselhos que à pátria propõe; a tua penetrante mente antevia as desgraças que havia na Itália em razão de sua moleza; e no teu livro os sabidos, os amigos ocultos de todo tipo de tiranias, que havias desmascarado para a posteridade, encontraram aquele pretensu veneno que tu desvelaste para a vantagem comum: esses, malignamente, não se preocuparam com os antídotos, que apresentavas a cada passo de cada obra sua para sufocá-lo. Nem infrutíferos foram os seus esforços diante do comum dos homens, que julga sem pensar, que pouco cuida de reivindicar a verdade ou de procurá-la. Acérrimo adversário de toda tirania, os teus inimigos te culpam de ter te tornado o preceptor dos tiranos! E em que terra? Naquela que suportou e nutriu e em seu seio os Sforza, os Césares, os Alexandres Borgia. Quais lições poder-se-iam dar a tais monstros que a hipocrisia, a ficção, a irreligião, as traições, os assassinios, os venenos, os punhais com a sua vantagem empregaram? Os teus detratores deliberadamente fingem se recordar que tu, anunciando à pátria a prisão de Valentino, disse que pouco a pouco os seus pecados o tinham conduzido à penitência. Eles, deliberadamente, não valorizaram aquele sublime, polido, eloquente discurso, em que tantos merecidos louvores foram dispensados

aos fundadores das repúblicas e das monarquias. Porque não reprovaram igualmente ao Profeta de Deus o discurso em que descreve o direito régio aos inconstantes hebreus que queriam um rei, onde é apresentado não o feliz reino de Davi, mas o reprovável e tirânico dos Acabes e dos Manassés?

Eis quanto Maquiavel escreveu e imaginou para dar à pátria lustro e virtude. Considere-se então a carreira do homem de estado e do homem privado, na qual o vemos corroborar com os exemplos a sua doutrina; e se naquelas propôs por modelo as antigas instituições, ver-se-lo-á digno de ser igualado aos antigos pela doutrina, pela firmeza e pelo caráter, parecendo que a sorte o tivesse dado a Florença em sua decadência, como deu Fócion a Atenas e Cícero a Roma, nos espinhosos tempos daquelas repúblicas, para provar aos homens que as paixões e os vícios sempre tornam infrutíferos para nós aqueles bens que ela concede.

Examinemos rapidamente a situação na qual se encontrava Florença e a Itália, quando foi chamado aos negócios públicos. Por volta da metade do século XV, Veneza, Roma, Milão, Nápoles e Florença eram os principais estados da Itália. Todos igualmente animados da gana de invadir, com ligas se equilibravam reciprocamente, com os tratados se continham e se enfraqueciam com as guerras. A Itália era, então, o que a Europa se tornou posteriormente, e se regia com aquela política artificiosa que torna uma arte enganar um ao outro, arte reprovada pelos italianos quando foi adotada pelos detratores da Itália.

Sforza chamou os franceses para a Itália, e os italianos, atordoados pelos progressos de Carlos VIII, os opuseram aos aragoneses, fazendo, assim, daquela bela região uma vastíssima arena, longamente ensanguentada por estes potentes atletas; tanto a fraqueza nos deixa privados de reflexão.

Assim estava a Itália. Porém, Florença, naquele tempo, retomou a liberdade. Foi longamente a república regida pelos Medici, que se alçaram a tal grandeza com serviços prestados à pátria, com a proteção concedida aos doutos e às artes, com as maneiras civis e gentis e, especialmente, com as munificências para com aquele povo, no que empregaram as riquezas do seu próprio comércio. As virtudes de Cosimo e de Lorenzo inclinaram grandemente os cidadãos à ditadura dos Medici que não era penosa, por ser espontânea. Quando Carlos VIII passou pela Itália, Piero regia a república com a autoridade herdada do pai e do avô, mas não com igual virtude; ao contrário, com modos altaneiros havia quase alienado o afeto dos cidadãos. Coligando-se com os aragoneses contra os franceses, então amados pelos florentinos, ameaçado por Carlos por esta liga, com ele negociou, mas o fez de maneira tão pouco vantajosa que foi obrigado a abandonar parte do domínio da República; pelo que, sumamente irritados os cidadãos, o expulsaram da pátria com a família.

O governo da parte inimiga dos Medici foi refeito, e para cativar a plebe empregou o famoso Savonarola, que, com dúbia fama foi julgado pelos posteriores; tanto se veem as

virtudes e os vícios com aspecto ambíguo nas discórdias civis. Aquele quis se tornar mais respeitável à multidão, assemelhando-se a um profeta; e sobre o assunto caráter não poupou a própria Roma. Maquiavel, brincando, disse que “os profetas desarmados davam-se mal, logo os aconselhava a se armarem”; tal dito foi, depois, comprovado pelo resultado, já que, reclamado pelo Pontífice e perdido o favor da plebe, foi queimado por aquele povo que o havia adorado.

Crescidas as discórdias civis na república, os pisanos se aproveitaram para sacudir o jugo dos florentinos, os quais, depois de vários tumultos, colocaram o governo nas mãos do grande conselho e do gonfaloniere perpétuo Soderini, cidadão honesto e muito gentil, mas não suficientemente grande e robusto para reger e dirigir o timão dos afazeres em tempos de tamanha borrasca. Os florentinos, temendo o ressentimento dos Medici, que de todas as maneiras tentavam retornar à pátria, se uniram mais estreitamente à França; foram, assim, envolvidos em todos os planos ambiciosos do sucessor de Carlos VIII. As dificuldades dos tempos propiciaram aos florentinos muitas negociações com os principais potentados da Europa, nas quais se serviram, principalmente, de Maquiavel, que conquistara grande fama por seus talentos. Ele se adestrou nos negócios como chanceler, cargo importante da República, sob Marcelo Virgílio, secretário da mesma, e junto com ele, pouco depois, ascende a tão eminente posto.

Não seguirei o secretário florentino nas numerosas delegações, que desempenha junto ao imperador, ao Pontífice, ao rei da França e aos primeiros potentados da Itália. As cartas que ele escreveu no curso destas delegações são um precioso monumento para a história dos seus tempos; e, ainda que a ele se reprovem insidiosos e dúbios princípios, todas as suas cartas transmitem um puro amor pela pátria e uma sincera candura. Comprovam seu maravilhoso talento para expor com lúcida justeza os negócios e para sustentá-los com razões adequadas ao personagem com o qual tratava. Compreendendo o secretário o direito sagrado das gentes, jamais turvou a tranquilidade interna dos países que o acolhiam e, estimando os governos não pelas populosas cidades, nem pelas ricas províncias, respeitou do mesmo modo a soberania do Duque de Piombino e da Condessa de Forlì, como respeitava a do imperador ou a do Pontífice. Mas a justa deferência por cada espécie de governo e o respeito por quem o administrava não o rebaixou a uma tímida adulação ou a uma servil complacência, pois com o peito de cidadão livre rejeitava as injurias e as zombarias, e exigia a mesma consideração que dava aos homens que vestiam o caráter dos imperadores, o que demonstrou quando tratava dos negócios da república em Nantes com o Cardeal de Roano, mais conhecido pelo nome de Cardeal de Amboise, que, discutindo com ele sobre política, disse-lhe que os italianos não entendiam de guerra; ao que respondeu, com voz franca e intrépida, que os franceses não entendiam de estado, porque se entendessem não teriam deixado chegar a tanta grandeza o

Pontífice e a Espanha na Itália; e, de fato, confirmou-se sua profética resposta quanto, tornando-se ambos poderosos, expulsaram os franceses daquele país.

A república era justa apreciadora de Maquiavel, mas não o recompensava generosamente por seus importantes serviços e por seus cansativos cuidados; de modo que era obrigado, por vezes, a recorrer aos escassos fundos que a fortuna sobriamente lhe concedera e, por outras, à Senhoria para que o resgatasse quase da indigência; não obstante, estimulado mais pelo amor à pátria que pelo interesse, e não aviltado por suas difíceis circunstâncias, sempre reassumiu os negócios com igual ardor. Das observações que fez nas viagens empreendidas para suas delegações devem-se os retratos das coisas da França e da Alemanha, que não eram favoráveis àqueles povos, escritas talvez com o objetivo de corrigir a pátria daquela ilusão e daquela homenagem que prestam cegamente e desmesuradamente às coisas ultramontanas.

A República o consultou sobre os negócios mais espinhosos de seu domínio e ele lhes deu os mais salutares conselhos quando os povos do Vale de Chiana se rebelaram. Muitas outras sugestões e conselhos deu para a pátria no cargo de secretário, como demonstram muitas de suas cartas conservadas em nossos arquivos públicos: nessas, ama-se Maquiavel quando se o vê aconselhar a paz, os acordos amistosos, recomendar a severa e distributiva justiça, poupar o povo nos impostos e valorizar as menores circunstâncias, quando acreditava ser um bem útil ao privado ou ao público. A República não negligenciou as suas doutrinas militares, aproveitando seu conselho de servir-se das armas próprias. Ele foi encarregado de escrever as provisões para criar as milícias e para fazer o recrutamento dos defensores que queria trazer em seu seio; e foi tão reputado pelos seus concidadãos pela ciência militar que os magistrados lhes deram autoridade quase ditatorial sobre os capitães e sobre o conselho de guerra; e de acordo com seus preceitos e sugestões foi criada uma legião toscana que, posteriormente, sob o comando de Giovanni dos Medici, gloriosamente combateu e fez ver que

à virtude latina

Ou nada falta, ou apenas a disciplina.

Mas, habituado por uma longa prática e um longo estudo a deduzir o futuro do passado, o Secretário dizia: “a boa fortuna dos franceses nos fizeram perder metade do estado, a má nos fará perder a liberdade”; predição que se confirma maravilhosamente; pois, declinadas as coisas da França na Itália, por obra de Julio II, Luís XII quis, para vingar-se do Pontífice, reunir um Concílio na Itália e, para tanto, requereu Pisa aos florentinos; mas esclarecidos pelo secretário, temendo os fúlmens e as vinganças de Roma, pensaram em recusá-lo. Enviaram para tal tarefa, embora infrutiferamente, Maquiavel ao rei, para que

desistisse do Concílio e, de volta à pátria, o mandaram para Pisa para velar sobre ele e efetuar a conclusão. Porém, o Pontífice irritado pelo involuntário erro dos florentinos, reuniu suas forças às dos aragoneses, tirou-lhes a liberdade e reestabeleceu os Medici na pátria.

São as adversidades para os corações magnânimos o que são as procelas para timoneiro, que colocam em luminosa vista a coragem e o valor. O secretário não foi isentado daquelas desgraças que tornaram ilustre seu nome, e também lhe acarretaram sempre uma vida angustiada e tempestuosa, pois, tendo ele feito todo esforço para conservar a liberdade da pátria com as obras e os conselhos, os Medici o consideraram um obstáculo ao almejado engrandecimento; por isso, Lorenzo, assumida a ditadura da república, o fez despojar por decreto público de suas ocupações e o deixou no esquecimento.

Assim, languescia Maquiavel, quando, tendo se tornado suspeito de cumplicidade na conjura de Boscoli e de Capponi contra o cardeal Giovanni dos Medici, se viu arrastado aos cárceres públicos e submetido a uma ignominiosa tortura, que ele suportou em silêncio e com heroica firmeza. Via com coragem estoica aproximar-se o suplício quando o cardeal se tornou Pontífice e naquele júbilo público o libertou. Foi, por outro lado, mandado para o exílio, exílio que ele padeceu como Aristides, suportando-o como esse, depois de longos serviços, um coração sem reprovações e uma nobre indignação.

Retornou livre para a pátria, e se pelas desventuras sofridas não pode ser-lhe útil com as obras, quis ajudar pelo menos com o conselho: “porque ele acreditava ser dever de um bom cidadão aquele bem, que pela malignidade dos tempos não pudesse realizar, ensinando-o pelo menos aos outros, para que, sendo muito capazes, algum daqueles, mais amado pelo céu, o pudesse realizar”; assim, publicou os seus *Discursos sobre as Décadas de Tito Lívio* e, sucessivamente, compôs todas as suas outras obras, tornando-se imortal com o engenho; glória que aos seus inimigos não era dado poder subtrair-lhe.

Com a dedicatória do seu *Príncipe* a Lorenzo dos Medici acalmou, em parte, o ressentimento daquela poderosa família. O cardeal Júlio, que governava Florença para Leão X, deu prova inequívoca ao consultá-lo, em nome do Pontífice, sobre a reforma do governo de Florença, que o descontentamento e o temor que ali reinavam já havia tornada necessária. Maquiavel abraçou esta comissão não só para adular o Pontífice, mas para servir à pátria. Consequente em seus princípios, explicou a Leão que não poderia ficar tranquilo se não concedesse um governo adaptado ao caráter dos cidadãos. Propôs equilibrar os partidos e dar à pátria a liberdade sob os auspícios do Pontífice, conservando-lhe o supremo domínio. Assim, satisfazendo a ambição de Leão, dava duas vantagens para a pátria: a sua liberdade depois da morte dele e o equilíbrio dos partidos, que, preponderantes, nela sempre haviam derramado sangue. Reconhece-se claramente quanto estimava que o pontífice adotasse aquele nobre desígnio, já que depois de ter falado da fortuna de quem pode reformar um estado, acrescenta: “Estes são, depois daqueles que foram divinos, os mais louvados. E porque foram

poucos que tiveram ocasião de fazê-lo e pouquíssimos os que souberam fazê-lo, é muito pequeno o número dos que o fizeram; e esta glória foi tão estimada pelos homens que, não aspirando senão à glória, não tendo podido fazer uma República em ato, a fizeram nos escritos, como Aristóteles, Platão e muitos outros, que quiseram mostrar ao mundo que, se não puderam, como Sólon e Licurgo, fundar uma vida civil, não foi devido a sua ignorância, mas à impotência de colocá-lo em ato”.

Mas o Cardeal Júlio, fazendo escrever sobre tal objeto, não pensava em reformar o estado, queria apenas simular amor pela pátria e afeição de satisfazer aos inúmeros clamores dos descontentes. Os mais intolerantes entre esses eram os jovens optimates, que se reuniram nos Orti Oricellari, instruídos e dirigidos por Maquiavel. Esses urdiram uma conjuração que foi descoberta pelas severas perquirições do Cardeal. Vários dos conjurados puderam salvar-se fugindo, alguns perderam a vida e Maquiavel é suspeito de ser seu promotor secreto; mas não sabemos se isso lhe trouxe outro infortúnio além de ser novamente deixado na humilde fortuna, na qual dali por diante definhava.

Maquiavel, desconsiderado e deprimido, procurou em si mesmo aquelas consolações gloriosas, próprias de um homem grande, e os amigos que fizera quando servia a república, em parte, suavizaram as suas desgraças. Foram esses: Francesco Vettori, Guicciardini, Filippo Strozzi, Valori, Buondelmonti, Rucellai e todos os mais honestos e reputados personagens da cidade. O seu caráter grande e brincalhão, a sua sagacidade, o seu saber o tornou a esses caro e dileto; era, enfim, um Cícero novo, consultado pelos Catulos, pelos Áticos e pelos Metelos, e o que prova o quão digno ele era de sua afeição é ter visto a amizade deles jamais extinta pela sorte adversa que o oprimia, o que é raro em nossos dias.

As faculdades morais do ânimo, mesmo no grande homem, como as faculdades físicas depois de longo exercício, necessitam da tranquilidade que, dando-lhes novo vigor, as torna mais robustas e aptas a novos serviços. Maquiavel, inteiramente voltado ao estudo da arte de conduzir os homens, encontrou esta tranquilidade em obras menos severas, mas que soube tornar igualmente instrutivas. Escreveu algumas comédias livres, porque imitou Aristófanes e Plauto, nas quais, desmascarando engenhosamente a hipocrisia e com zombarias, atacou aquela depravação dos costumes que era então muito comum. A *Mandrágora* lhe deu tanta fama que Leão X fez ir de Florença a Roma os atores e o cenário da peça, tanto aqueles tempos eram distantes dos nossos. As comédias e a sua tradução da *Andria* são modelos da língua, que os pósteros lerão sempre com prazer, porque com cores vivas e com verdade viram desenhados os costumes dos seus tempos: tempos em parte felizes, em que, se a santa castidade dos costumes estava um tanto maculada, o corromper, o ser corrupto não foi chamado de moda do século; além disso, a leitura dessa peça enganará, certamente, os incrédulos, que negavam ao tradutor de Terêncio, ao sequaz de Plauto e de Aristófanes, a compreensão da língua latina.

Ele cultivou as musas, com não medíocre fortuna; admirador da ternura e cantor desafortunado de nossa senhora Laura, escreveu várias composições poéticas, algumas das quais o próprio Petrarca, talvez, não teria desdenhado como sendo suas. Deve-se apenas ao ócio da sua vida privada a elegante novela do *Belfagor*, que La Fontaine acreditou digna de tornar sua; e se é verdade, como se pretende, que naquela pintasse Marietta Corsini, sua esposa, vê-se perseguido pela fortuna também nas doçuras domésticas, que tanto aliviam ou agravam as desventuras humanas.

Reivindicou à pátria a língua de Dante e no seu discurso se exprime: “ Sempre que eu pude honrar a minha pátria, mesmo se com meu ônus e perigo, o fiz de bom grado, porque o homem não tem obrigação maior na sua vida que não com a pátria, pois sê-lo depende antes de tudo dessa e, depois, de tudo aquilo que a fortuna e a natureza nos concederam”. Nisto é imensamente superior a Dante; prova àquele cínico e vingativo poeta, ainda que imortal, que não escreveu em língua curial, como pretendeu, mas em linguagem florentina.

Depois de longo esquecimento, o cardeal Giulio dos Medici o fez voltar à carreira política, enviando-o ao capítulo dos frades menores de Carpi para separar a província da Toscana da província desses religiosos. Restam-nos cartas bizarras escritas por Guicciardini a ele, brincando sobre tal comissão. Em uma dessas o compara a Lisandro que, depois de tantas vitórias e troféus, recebeu a tarefa de distribuir as carnes àqueles soldados que tão gloriosamente tinha comandado.

Vendo a República alçá-lo a tiara, o cardeal Giulio, com o nome de Clemente VII, sabendo que Maquiavel gozava de favores seus, o fez voltar ao manejo dos negócios públicos. Foi então que os florentinos se uniram com este Pontífice contra Borbone, general de Carlos V; enviaram-lhe para o exército da liga para levá-la à defesa da Toscana, ameaçada por aquele petulante capitão. Em tal ocasião, Maquiavel foi estimulado pelo o Duque de Urbino, que comandava os exércitos, para colocar em ordem as fileiras; mas ele o recusou: tanto nos homens sumos se veem vinculados a modéstia e o saber. Com ordinária perspicácia, predisse em tal circunstância à Senhora as desgraças da Itália; vendo como frequentemente acontece, a liga desunida e mal formada.

Retornou à pátria depois do saque de Roma, encontrou irritada a plebe, que acreditava que ele era o instigador da tirania censurada aos Medici. Nascera aquela aversão popular contra ele dos tênues favores que obteve nos últimos tempos do cardeal Giulio e de Lorenzo, esquecendo a pátria as desventuras que suportou por aproveitá-las. Em tal angústia e atingido pela ingratidão no mais íntimo do ânimo, tomando um medicamento que usava frequentemente, cristianamente morreu em 22 de junho de 1527, pranteado unicamente pelos apreciadores do verdadeiro mérito, que foram sempre em escasso número, e dos amigos, os quais deleitou em sua carreira pública e na sua vida privada; depois de ter experimentado o

quão perigoso seja para o filósofo instruir os homens, aconselhá-los e servi-los se o céu, nos seus generosos esforços, não o ajuda.

Atenas decretou a cicuta a Sócrates e a Fócion, os mais justos entre os homens; mas mitigou, em parte, o severo juízo que a posteridade teria pronunciado contra ela; com arrependimento sincero, com os louvores e com as lágrimas derramadas sobre suas cinzas. Maquiavel provou a injustiça dos homens também além do túmulo. Havia feito inimigos todos os que defendem os abusos, tentando abatê-los onde quer que pudesse discerni-los; penetrado de sacro respeito pela religião dos antepassados, via com pena o clero daqueles tempos distanciar-se da decência dos costumes que pregava: por isso, algumas vezes, em seus escritos, o vergastou amargamente; por essa razão, levantaram-se contra ele numerosos inimigos, quando seus escritos foram impressos e publicados, com aprovação do pontífice, na própria Roma. O cardeal Riginaldo Polo foi o primeiro a atacar Maquiavel, prevenido, sem dúvida, pelo abuso que via fazer do *Príncipe* em sua corte; mas o discreto Prelato, em seguida, tendo conhecido a sua mente, desculpou, como observamos, a obra e o autor. Depois, Catarino lançou-se contra ele e obteve um significativo triunfo vendo coroadas as suas declamações com as proibições das obras do secretário. Giovio, Gentiletto, Osório e muitos outros seguiram as pegadas de Catarino. Atacavam-no na moral e na ciência, alguns o taxando de ignorante da língua latina, outros de ímpio, escritor e mestre da tirania. Todos estes campeões pareciam os gregos ocupados em destroçar o cadáver de Heitor, que em vida os teria posto em fuga apenas com o olhar. Queria-se, naqueles tempos, conceder alguma justiça ao caluniado filósofo reeditando as obras, suprimindo apenas aquela pequena parte delas que havia estimulado aqueles clamores repetidos, quando Possevino, ardendo talvez de sagrada inveja, por ser membro de uma sociedade que queria possuir sozinha a reputação de iluminada, conseguiu novamente triunfar sobre tão grande homem. Maquiavel foi para ele um novo Prometeu, que roubou o fogo celeste em benefício dos homens; assim, de má vontade suportou que houvesse surgido fora da sua sociedade uma alma generosa para expandir luz no universo; e eis seus ferozes assaltos contra os espólios do secretário florentino que confirmaram a lançada censura; e ei-lo privado para sempre das suas obras, que eram a única defesa que depois da morte podia permanecer para justificar as suas doutrinas. Foi reivindicado, por outro lado, pela justa e veraz lentidão dos séculos, já que a posteridade voltou contra a sociedade religiosa aquelas armas com que tinha atacado o desafortunado filósofo e a essa atribuiu os próprios princípios de artificiosa, de simulada política e de insidiosa ciência de governar.

Também ao Possevino se reuniu outra turba de detratores de Maquiavel, os quais não fizeram outra coisa que repetir as debatidas censuras. Bayle e o autor do anti-Maquiavel se reuniram contra as máximas e os princípios do secretário, esperando, talvez, recobrir com as injúrias atiradas contra ele as máximas e os princípios iníquos espalhados em suas obras

venenosas e mordazes. Mas não faltaram a Maquiavel generosos apoiadores, que seus inimigos combateram, que se opunham aos fracos esforços com os quais se tentava apagar o seu nome do templo da imortalidade para onde lhe haviam conduzido os seus discursos sobre a guerra, sobre a política, sobre os governos e as suas histórias. Os seus esforços equilibraram, em parte, a opinião pública, mas, nos nossos tempos, o secretário obtém completa e excepcional justiça; pois entre os seus concidadãos surgiram valorosos defensores, os quais o devolveram à pátria, que atordoada pelos clamorosos rumores dos seus adversários não ousava reconhecê-lo, como uma mãe que, vendo o filho ameaçado, abstém-se de nomeá-lo, temendo reascender contra ele o ódio e as perseguições de seus inimigos. Estes deram o impulso ao filósofo Príncipe que governou a Toscana, para permitir que aparecesse, dois séculos e meio depois da morte de Maquiavel, uma apologia do mesmo no início da edição florentina das suas obras; e proporcionaram, assim, novas glórias ao soberano e à engenhosa Florença. As suas felizes tentativas obtiveram uma nova homenagem ao secretário florentino, despertando o reconhecimento da sua pátria. O forasteiro admirador dos preciosos monumentos contidos nesta capital Ática moderna procurava em vão no templo augusto, onde estão as memórias de grata homenagem prestada às cinzas de outros ilustres concidadãos, em vão, eu digo, ele procurava junto ao monumento da ousada mão que desenhou a cúpula do Vaticano, ao monumento do descobridor dos satélites de Júpiter, aquele do claro engenho que ensinou a arte de regular os estados e de tornar felizes os homens com boas leis; e, estupefato por não vê-lo entre aqueles, parecia perguntar o que aos siracusanos perguntou Cícero, isto é, onde se escondia a tumba de Arquimedes. Languesciam as cinzas de Maquiavel em obscuro e desconhecido sepulcro, e ele lhe forneceu um decoroso monumento, apagando aquela mácula de ingratidão que Florença havia contraído com aquele seu ilustre filho.

Devia-se a Maquiavel um outro justo tributo, e era esse uma homenagem de louvores referidos na Academia Florentina. Fui escolhido por um ilustre membro daquele douto Congresso para cumprir esse último decoroso dever. Ele consultou, nessa nobre comissão, a indulgente amizade com a qual me honra, mais que as minhas forças. Eu tinha um profundo desejo de apagar os erros da posteridade para com Maquiavel; mas era muito inferior à nobre comissão da qual eu me vi honrado.